

Pisando o palco: um resultado da musicoterapia com pacientes adultos cegos

Mara Reis Toffolo¹¹
Marina Reis Toffolo¹²

RESUMO

A apresentação em público, como uma estratégia musicoterápica, pode trazer uma experiência reconfortante para os pacientes dentro da terapia, trabalhando a expressão musical de cada paciente e a capacidade deles em serem os narradores de suas histórias. O presente trabalho pretende mostrar o potencial terapêutico dessa prática, na qual musicoterapeutas e pacientes estão envolvidos no processo da apresentação musical, que tem entre seus objetivos o resgate da autoestima e a autonomia. O projeto “Pisando o Palco” nasceu no decorrer das sessões de Musicoterapia, realizadas com pacientes adultos cegos, a partir do desejo manifestado pelos pacientes de se apresentarem em público.

¹¹ Bacharelado em violino pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG em 2007. Pós graduada em musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música (Rio de Janeiro, RJ) em 2009. Contato: maratoffolo@hotmail.com

¹² Bacharelado em violino pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG em 2007. Pós graduada em musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música (Rio de Janeiro, RJ) em 2009. Contato: mtoffolo@gmail.com

“Pisando o Palco” foi uma vivência na qual a apresentação musical simbolizou o clímax de um processo musicoterápico coletivo, utilizando experiências musicais, acolhendo e transformando processos do indivíduo e do grupo.

Palavras-chave: Musicoterapia, autoestima e apresentação em público.

Stepping on stage: music therapy outcome with blind adult patients

ABSTRACT

The project “stepping on stage” was born during the music therapy sessions performed with blind adult patients, from the patients’ desire to make a public presentation. This work shows the therapeutic potential of this practice, in which music therapists and patients are involved in the process of musical presentation, which has among its objectives the recovery of self-esteem and autonomy. The public presentation, as an element of music therapy, can bring a comforting experience for the patients within the therapy, working the musical expression of each patient and their ability to be the narrators of their stories. “Stepping on stage” was an experience in which the musical presentation symbolized the climax of a collective music therapy process, evoking musical experience, embracing and transforming processes of the individual and the group.

Keywords: Music, self-esteem and presentation in public

INTRODUÇÃO

O projeto “Pisando o Palco” nasceu no decorrer das sessões de Musicoterapia, realizadas com pacientes adultos cegos na APAE - Ouro Preto, sob a orientação das estagiárias¹ Mara Reis Toffolo e Marina Reis Toffolo. Durante três meses, compreendidos de setembro a dezembro de 2008, três pacientes foram atendidos em doze sessões de Musicoterapia em grupo.

Durante essas sessões, o grupo expôs o desejo de se apresentar em público. A apresentação aconteceu no dia 14 de dezembro de 2008, às 17 (dezessete) horas, no auditório Alceu Amoroso Lima – GLTA. Os pacientes puderam pisar o palco, apresentar suas canções, expressar suas emoções e vivenciar um momento único de uma experiência positiva que resultou no encerramento do trabalho musicoterápico.

A elaboração deste trabalho nasceu, então, do desejo de refletir sobre a apresentação em público como uma atividade musicoterápica, capaz de simbolizar um processo de experiência coletiva, utilizando vivências musicais, acolhendo e transformando aspectos individuais e coletivos do grupo.

O principal objetivo dessa experiência era se utilizar como apresentação em público, um tipo diferente de

experiência musical, agente de interação entre o grupo, e com o meio – a platéia, a família, os amigos. O desafio dessa prática era fazer com que a apresentação musical pudesse ser percebida como um efeito positivo dentro do processo musicoterápico.

O presente artigo descreve, analisa e avalia a utilização da apresentação musical como um tipo diferente de experiência musical, capaz de permitir a interação entre o coletivo, o social, o pessoal e os desafios de tornar a apresentação um fator **de soma dentro do contexto musicoterápico.**

MÚSICA, MUSICOTERAPIA, APRESENTAÇÃO EM PÚBLICO E AUTOESTIMA

A música tem o poder de atuar intensamente no mundo interno da pessoa. Tal capacidade faz da música uma arte ímpar, uma experiência estética que mobiliza as possibilidades do indivíduo. Este se descobre capaz de criar e de expressar, por meio dela, emoções, sentimentos, estado de espírito (HAGUINARA, 2003).

Segundo Bruscia (2000), a música é experienciada como um processo artístico sempre que o foco está no puro prazer estético derivado do ato de fazer música ou ouvir

música. O produto resultante dessa prática de se fazer música, se dá pelo valor estético de improvisar, compor, recriar, apresentar e alcançar o processo artístico.

Nessa experiência musical, a música assume um papel estético no qual pacientes e terapeutas criam, ouvem e trabalham a música por seu próprio valor, sem qualquer propósito que não seja a apresentação musical como um processo artístico. “A música aqui é incorporada ao processo terapêutico. A arte é terapia, mesmo quando não é utilizada com esse propósito. Portanto, dar ao cliente experiências puramente estéticas também facilita e melhora o processo terapêutico” (BRUSCIA, 2000, p.156).

A música pode ser experimentada como processo estético sem se prender a padrões ou exigências estabelecidas por músicos ou profissionais. O produto a ser atingido pode ser simplesmente o fazer musical, a performance ou a apresentação musical.

Para Costa (1989, p. 79) o núcleo no qual se desenrola todo o processo musicoterápico é a ação de fazer música, ou seja, produzir e organizar sons. Não só a intenção de comunicar-se está em jogo dentro da terapia do próprio prazer de tocar, de cantar, de ouvir, de ser escutado. “Ao escutar e ser escutado tem início uma forma rudimentar de percepção

do “outro”, de algo ou alguém pertencente ao espaço exterior, seja este “outro” o instrumento musical ou uma pessoa” (COSTA, 1989, p. 80).

Bruscia afirma que se os potenciais terapêuticos infinitos da música devem ser explorados ao máximo, devemos ir além das definições fronteiras tradicionais da música estabelecidas por outros campos. (BRUSCIA, 2000).

Apesar das muitas possibilidades de experiências musicais utilizadas em Musicoterapia, a apresentação foi uma experiência, um caminho para se chegar a um objetivo terapêutico estabelecido. A proposta era fazer com que os pacientes alcançassem, em seus conteúdos, uma melhoria na auto-estima e na autoconfiança, através da apresentação musical, atingindo assim o objetivo do tratamento.

Nesse trabalho, “Pisando o Palco”, o contexto musicoterápico foi priorizado e, estagiárias e pacientes estavam ativos ou comprometidos no processo da terapia. Com o objetivo principal do trabalho musicoterápico estipulado, o objeto das sessões passou a ser a produção musical dos pacientes, através de atividades musicais de improvisação e recriação, estimulando a produção musical desses pacientes.

Em doze sessões de Musicoterapia, com duração de uma hora por semana, esses pacientes puderam vivenciar a música através das atividades recriação, improvisação e audição musical, sem um foco específico na apresentação musical. Essas técnicas musicoterápicas servem como fundamentação. Para Lia Rejane Mendes Barcellos (1990) técnica é o conjunto de processos e recursos práticos de que se serve uma ciência, uma arte, uma especialidade. A parte material. Prática, utilizada em Musicoterapia pelo musicoterapeuta.

Nessas sessões de Musicoterapia, as atividades musicais de tocar um instrumento, cantar e a experiência de recriar foram freqüentes. Segundo Bruscia (2000) as diferentes experiências musicais – a improvisação, a recriação, a composição e a audição musical – tornam-se métodos de trabalhos em Musicoterapia. Esses métodos definido por Bruscia para Barcellos é definido como técnicas.

Barcellos referiu a recriação musical ora como técnica ora como experiência musical. Quando esta é vivenciada pelos pacientes, trata-se de uma das muitas experiências musicais possíveis de serem vividas em Musicoterapia; como técnica é empregada exclusivamente pelo musicoterapeuta (BARCELLOS, 2004).

O desejo do grupo de recriar no momento musical foi a ponte encontrada para fazer dessa experiência musical um ganho nas respostas terapêuticas já então alcançadas. O fortalecimento da estima desses pacientes esteve ligado à Musicoterapia e à capacidade dos mesmos de obterem um resultado positivo e favorável nas recriações musicais como experiência musical e como técnica proposta, quando utilizada pelo musicoterapeuta.

Para Bruscia (1991), a recriação aparece como indicada para os que necessitam desenvolver habilidades sensório-motoras, aprender comportamentos adaptados, manter a orientação de realidade, dominar diferentes papéis comportamentais, identificar-se com sentimentos e idéias de outros, trabalhar cooperativamente em metas comuns.

No momento musical proposto pelas musicoterapeutas/estagiárias os pacientes traziam canções, cantavam, tocavam e se apropriavam dessas canções, e era através desse momento que as canções aconteciam também por identificação.

Segundo Chagas (2001, P. 121) “quando uma pessoa canta no setting musicoterápico, ele ou ela não reproduz simplesmente a canção, mas se apropria dela. (...) Utilizada como uma atividade projetiva, a canção toma uma nova

forma, instantânea, produzida ali pelo indivíduo ou pelo grupo, não é possível de ser repetida, é única”. A canção popular torna-se viva, recriada, improvisada tanto pelo cliente como pela musicalidade clínica do musicoterapeuta, que irá perceber novos sentidos e novas possibilidades de encaminhamento musicais na conhecida canção popular (CHAGAS, 2001).

A recriação acontecia através do canto em conjunto, exercitando a interpretação musical e executando instrumentos. Esse momento dentro da terapia era importante para os pacientes expressarem seus sentimentos, para coesão e interação do grupo. Nesse momento musical, assim denominado, pacientes e musicoterapeutas/estagiárias estão ativos ou comprometidos no processo de fazer música, através de atividades musicais.

Os pacientes puderam se expressar através das canções trazidas nas sessões. Fazendo com que eles pudessem estar no processo como o performer de sua própria música, ou o intérprete de uma música que poderia expressar suas emoções e sentimentos através da sua execução (BARCELLOS, 2008).

Segundo Swanwick (1979), a performance é a atividade de tocar um instrumento ou cantar, considerando-se

desde o repertório mais simples, inclusive sem notação musical, até o mais elaborado. A apresentação em público é uma experiência muito particular que envolve muitos aspectos emocionais do performer.

Rink (2003) refere-se ao performer como o narrador das idéias do compositor ou daquele que narra uma mensagem expressiva. Segundo Barcellos (2008, p.28), “a narrativa do paciente, na Musicoterapia, estaria ancorada na sua história de vida, clínica e sonoro/musical, e seria contada/cantada/tocada/encenada para alguém, para expressar seu mundo interno e tendo o musicoterapeuta na escuta dando-lhe suporte, interagindo ou fazendo intervenções necessárias para facilitar o desenvolvimento do processo terapêutico”.

A escolha do repertório surgiu a partir desse pensamento: de retirar da recriação o repertório a ser apresentado no dia da apresentação. Os pacientes traziam canções que faziam parte da história pessoal de cada um ou canções que de alguma maneira faziam com que eles se identificassem com sua história. E, foi através dessas canções que pudemos juntos, pacientes e musicoterapeutas/estagiárias, escolhermos o repertório do dia da apresentação.

Interessante pensar que a escolha do repertório revela a intenção dos pacientes e sua maneira de pensar a música. O critério para seleção do repertório foi vinculado à identidade musical de cada paciente e ao decorrer das sessões de Musicoterapia. Para seleção das músicas foi adotado o critério de utilização das canções mais recorrentes dentro da terapia, aquelas que os pacientes mais gostavam. Era como uma expressão daquilo que eles gostariam de dizer no momento da apresentação musical para seus amigos e familiares.

Cabe lembrar que a divulgação da apresentação foi feita através de cartas convites e toda essa preparação foi feita pelos pacientes e pelas musicoterapeutas/estagiárias. Os pacientes puderam assim escolher o público para o qual iriam se apresentar e se expressar. Eram familiares, amigos e professores da APAE – Ouro Preto.

O público desempenhou um papel importante no dia da apresentação; eles eram quem escutavam e observavam. Dentro do projeto e da apresentação musical o público desempenhou um papel fundamental, por se tratar de uma apresentação “caseira”, ou seja, uma apresentação para poucos convidados, em geral amigos e familiares dos pacientes. Sendo assim, o público não era apenas um ouvinte

de suas histórias, eram pessoas escolhidas pelos pacientes para estar naquele dia.

Walter Howard (1984, p.103) afirma que “é o público que propõe ao artista seus objetivos”. É importante para os pacientes um reconhecimento caloroso do seu trabalho, confirmando a importância de se alcançar os seus objetivos propostos. No caso das apresentações informais ou “caseiras”, isso é ainda mais intenso.

O público foi o grande responsável pelo entusiasmo dos pacientes, que sabiam que na platéia estavam seus amigos e familiares, acolhendo-os, sendo todos ouvidos naquele momento. O público foi o responsável pelo processo de catarse de um dos pacientes naquele dia. É interessante descrever o processo da paciente MM durante as doze sessões até o dia da apresentação.

MM foi uma paciente que não conseguiu expressar e verbalizar diante do grupo, sempre calada e tímida, ela era a mais fechada. E durante esses três meses de Musicoterapia, ela havia passado por várias cirurgias nos olhos e estava muito esgotada, segundo seu próprio relato. Até o dia da apresentação MM não havia escolhido uma canção. Enquanto os outros dois pacientes, animados, já haviam escolhido suas canções e já diziam o que expressariam em público, MM não

manifestava tanto entusiasmo e dizia não querer se expressar no dia. No entanto, MM foi a primeira a chegar ao auditório no dia da apresentação e dizia estar muito nervosa. Durante toda exploração do espaço MM soltava-se e sorria muito. No momento da apresentação os pacientes quiseram contar um pouco da sua história e o porquê das canções escolhidas por eles. Já havia sido conversado anteriormente que cada paciente poderia fazer o que desejasse no palco naquele dia: expressar ou não expressar. Grande foi a surpresa quando MM levantou-se na sua vez e contou toda história da sua cegueira. Revelou que seu marido havia lhe deixado após sua doença. Agradeceu a presença dos dois filhos que estavam ali, chorou, desabafou e logo começou a sorrir. Escolheu uma canção alegre – chamada “Whisky a gogo”, cantou e sorriu muito.

Para uma paciente que nunca havia contado sua história antes e que não se sentia segura para dividi-la com o grupo, pode-se pensar que a presença de seus filhos, na platéia foi a que a impulsionou a um processo de catarse. E foi uma experiência positiva para ela. MM relatou após a apresentação a alegria que sentia por ter agradecido aos filhos e por ter desabafado. Dizia: “Foi uma experiência maravilhosa, foi um dia especial”.

Pisando o palco, esses pacientes puderam vivenciar uma experiência musical única, que mexeu com aspectos psicológicos individuais e grupais. Em uma entrevista feita com os pacientes antes do início das sessões de Musicoterapia, eles relataram a grande insegurança que sentiam para realizar tarefas do dia-a-dia e, principalmente, pela pouca confiança que muitas vezes os levavam um estado de apatia e depressão.

De acordo com Kohut (1984), a autoestima é o fator mais decisivo que o homem possui para o desenvolvimento psicológico e a motivação. É resultado da autoconfiança e do auto-respeito, que por sua vez resulta na auto-imagem. Quanto mais autoestima nós possuímos, mais amado, respeitado, reconhecido e apreciado nós nos sentimos.

A auto-imagem está diretamente ligada à personalidade e ao comportamento. Kohut (1984) afirma:

A auto-imagem é a chave da personalidade e do comportamento. Mude a auto-imagem e você muda a personalidade e o comportamento, é mais que isto, ela define o que você pode ou não fazer. Aumente sua auto-imagem e você aumenta também a área do possível (KOHUT, 1984, p.43).

A prática da apresentação em público provou ser bastante eficiente quando trabalhada junto ao grupo a formação das virtudes e da autoconfiança. Esse processo pode ser chamado de recurso ou poder psicológico. Os autores Friedmann (1996) e Antunes (2002) denominam:

Poderes psicológicos: são assim definidos como os recursos responsáveis pelo aumento da auto-estima dos sujeitos e de seu auto-reconhecimento de um ponto de vista ético-cultural. Aspectos essenciais desta classe de recursos é a auto-estima, a autoconfiança, a pro atividade, o sentimento de pertencimento e de devir, entre outros. A idéia aqui é a de que não bastam os demais recursos do empoderamento se os indivíduos e grupos não acreditarem que os possuem e têm plenas condições de alocá-los em suas estratégias de ação, sós ou com outros. (HOROCHOVSKI e MEIRELLES *apud* FRIEDMANN (1996) e ANTUNES (2002), 2007, p.498).

Para a autora Maria da Glória Gohn (2004) em seu artigo “Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais”, o significado da categoria “*empowerment*” ou “*empoderamento*” como tem sido traduzido no Brasil, não tem um caráter universal. Tanto poderá estar se referindo ao

Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XIII, n. 11, 2011.

processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhoria gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social), como poderá se referir a ações destinadas a remover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e de mandatários de bens elementares à sobrevivência e serviços públicos.

O empoderamento tem se tornado um termo de uso corrente, apresentando muitas possibilidades conceituais, podendo ser empregado de várias maneiras, por diferentes visões atuais.

Para Horochovski e Meirelles (apud SPREITZER, 1995) o empoderamento individual ou intrapessoal ocorre quando indivíduos singulares são/se autopercebem como detentores de recursos que lhes permitem influir nos e mesmo controlar os cursos de ação que lhes afetam. Embora fortemente influenciado por fatores psicológicos – auto-estima, temperamento, traumas e experiências – o empoderamento individual é relacional, na medida em que resulta da percepção que os indivíduos têm de e em suas interações com os ambientes e as demais pessoas. É, portanto, uma variável mediadora entre o indivíduo e o ambiente que o

circunda, tendo antecedentes socioestruturais: “empoderamento envolve um entendimento crítico do ambiente sociopolítico, não sendo um ‘traço de personalidade estático’, mas sim um ‘construto dinâmico contextualmente orientado’” (HOROCHOVSKI e MEIRELLES *apud* ZIMMERMAN, 1990, p.495).

Durante as doze sessões de Musicoterapia que antecederam a apresentação em público, a preocupação em trabalhar a auto-estima e autoconfiança dos pacientes foi um componente importante para alcançar o objetivo do projeto “Pisando o Palco”. Todas essas preparações aconteceram ao longo do processo musicoterápico. Trabalhando nas sessões de Musicoterapia todos os aspectos psicológicos que envolvem o processo da apresentação e da preparação musical.

A aplicação e a eficiência da prática da apresentação em público dentro da terapia dependem da forma como o musicoterapeuta e pacientes conduzirão o processo. Nesse caso, foi estabelecido um vínculo de confiança durante as sessões de Musicoterapia fazendo com que os pacientes se sentissem capazes e preparados a apresentação. A motivação do grupo e o desejo dos mesmos de se apresentarem foi a ponte encontrada para fazer dessa

experiência musical um ganho nas respostas terapêuticas até então, não alcançadas por todos do grupo. A qualidade da apresentação influenciou no incremento de sentimentos positivos a respeito de si. Esse fortalecimento esteve ligado a sessões de Musicoterapia a que foram submetidos e à capacidade dos mesmos de obterem um resultado favorável na apresentação em público.

O dia de pisar o palco, o dia da apresentação musical foi um dia de experiências significativas para esses pacientes. Pacientes e musicoterapeutas/estagiárias se reuniram no auditório algumas horas antes da apresentação. Era importante para esses pacientes cegos se acostumarem com o novo ambiente, através da exploração, da descoberta, do conhecer e até mesmo do limitar-se a esse espaço novo os pacientes estavam trabalhando diretamente sua confiança. Ambos relataram a confiança e a segurança que sentiam após explorar o ambiente.

Essa mudança externa do ambiente foi muito importante para esses pacientes. O “Pisando o palco” aconteceu em um auditório pequeno, na cidade de Ouro Preto, e foi um encontro entre os pacientes e seus convidados. A mudança de ambiente para esses pacientes que todos os dias saem de suas casas para a APAE e

exploram pouco novos ambientes, é a oportunidade desses de trabalharem a exploração do novo e de estarem descobrindo novas possibilidades.

Segundo Horochovski e Meirelles (*apud* ROMANO, 2002) esses agentes podem funcionar como catalisadores iniciais, mas o impulso do processo se explica pela extensão e a rapidez com que as pessoas e suas organizações mudam a si mesma.

Uma mudança significativa aconteceu quando os pacientes se organizaram junto ao novo espaço, através dessa mudança de ambiente e da rapidez exigida aos mesmos para vivenciarem o novo espaço e para chegar à confiança interna para se apresentarem.

Outro fator importante é que a apresentação musical funcionou como uma interação com o outro ou um relacionamento social. Para Fadiman e Frager (1979) a interação com o outro capacita um indivíduo a descobrir, encobrir, experimentar ou encontrar seu self real de forma direta. O relacionamento social nesse caso é todo o contado dos pacientes com esse público. Fadiman e Frager (1979) afirmam que em terapia, em situações de encontro e em interações cotidianas, o *feedback* dos outros oferece às pessoas oportunidade de experienciarem a si mesmas.

Foi realizada uma segunda entrevista, com esses pacientes, após a apresentação “pisando o palco”. Essa segunda entrevista foi comparada à entrevista primeira, inicial. Com essa comparação das duas entrevistas pudemos constatar que os resultados dessa prática foram em geral positivos. Reparou-se que:

- Foi alcançado o objetivo do tratamento. Houve, portanto, uma melhora na auto-estima e na confiança desses pacientes.

- Os três pacientes relataram na entrevista a experiência como especial e única. Disseram estar felizes com o resultado dessa prática.

- O sentimento relatado por eles ao final da apresentação musical era de euforia.

- Diziam estar se sentindo valorizados e mais confiantes.

Com esses resultados, comparando as entrevistas feitas aos relatos dos pacientes, pudemos concluir nosso trabalho com um processo positivo dentro da Musicoterapia. “Pisando o Palco” foi uma experiência favorável nesse processo terapêutico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. **O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento.** In: ANTUNES M. e ROMANO, J. O. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza.** Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. **El Paciente como Narrador Musical de su Própria História.** Trabalho apresentado na mesa-redonda *Música em Musicoterapia.* II Congresso Latino-americano de Musicoterapia. Montevideú, julho de 2004, p.1-5.

_____. **Teorias, Técnicas e Métodos I.** (Curso de curta duração ministrado/Especialização). Rio de Janeiro: 2008.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia.** Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BRUSCIA, Kenneth E. **Case Studies in Music Therapy.** Barcelona Publisher. Phoenixville .1991

CHAGAS, Marly. **Cantar é mover o som.** II Fórum Paranaense de Musicoterapia, II Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, Anais, 2001, pp119 -122.

COSTA, Clarice Moura. **O despertar para o outro.** São Paulo: Editora Summus, 1989.

Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XIII, n. 11, 2011.

FADIMAN, James & FRAGER, Robert. **Teoria da Personalidade**. Coordenação de tradução Odette de Godoy Pinheiro; tradução de Camila Sampaio, Sybil Sofdié – São Paulo: Haper & Row da Brasil, 1979.

FRIEDMANN, J. **Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo**. Celta: Oeiras, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e Sociedade vol.13 n2. São Paulo: 2004 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo> Acesso em 21/07/2009.

HOWARD, Walter. **A música e a criança**. Tradução de Noberto Abreu e Silva Neto. Summus editorial: São Paulo, 1984.

HOROCHOVSKI, Rodrigo & MEIRELLES, Giselle. **Problematizando o conceito de empoderamento**. Anais do II Seminário Nacional de Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

KOHUT, Daniel. **Musical Performance learning: theory and pedagogy**. New Jersey, Englewood. England, 1984.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser Criativo: o poder da improvisação na vida e na arte**. Tradução de Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

RINK, John. **Translating Musical Meaning: The Nineteenth-Century Performer as Narrator.** In: COOK, Nicholas e EVERIST, Mark (Eds.) *Rethinking Music.* Oxford: Oxford University Press, 2003.

ROMANO, J. O. **Empoderamento: enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza.** Documento de apoio apresentado no International Workshop Empowerment and Right Based Approach in Fighting Poverty Together. 4th to 6th Sept. 2002, Rio de Janeiro, Brazil.

SALMON, Paul & MEYER, Roberto. **Notes from the Greem Room: coping with Stress and Anxiety in Musical performance.** New York: Lexington, 1992.

SPREITZER, G.M. (1995). **An empirical test of a comprehensive model of intrapersonal empowerment in the workplace.** *American Journal of Community Psychology.* Oct. v. 23. n.5. p. 601-29.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente.** Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

ZIMMERMAN, M. A. **Taking aim on empowerment research: On the distinction between individual and psychological conceptions.** *American Journal of Community Psychology,* 18, 169-177. 1990.